
ANTHROPOLOGY OF THE
PERFORMING ARTS:
ARTISTRY, VIRTUOSITY AND
INTERPRETATION IN A
CROSS-CULTURAL PERSPECTIVE

ROYCE, A. P. *Anthropology of the performing arts. artistry, virtuosity, and interpretation in a cross-cultural perspective.* Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.

Em antropologia, a gradual especialização e a conseqüente adoção de uma linguagem hermética, técnica e especializada contribuiu, sobremaneira, para que grande parte da produção escrita seja esteticamente desinteressante. Portanto, considero reanimador sempre que encontro um livro que se preocupa, com o mesmo grau de meticulosidade e de relevância, com o conteúdo, com a forma e com meio de expressão. A recente publicação, *Anthropology of the performing arts*, de Anya P. Royce, certamente se insere nessa categoria. Um livro de inquestionável relevância social, no que concerne ao tópico em si e à forma como este é articulado, ao conteúdo de seu argumento e, finalmente, à linguagem com que este é expresso. Um desses textos que se começa a ler e só se põe de lado na página final. É um livro que transcende os limites de todos os tópicos abordados, o que fica claro diante da formação da autora: ex-bailarina, musicista, poeta, antropóloga, lingüista, crítica, escritora e pedagoga. O resultado não poderia ser outro: uma obra-prima em todos os sentidos.

Em 260 páginas e 12 capítulos, através de uma perspectiva transcultural e transtemporal, a autora convida o leitor a uma viagem através de um dos universos mais humanos e complexos passíveis de exploração: o universo do conheci-

mento incorporado/corporificado e da mediação emocional e cultural. Para tal, Royce explora esferas, à primeira vista tão desconexas entre si, como o Kabuki e *Butoh*, gêneros de teatro e dança japoneses; a música e dança dos Tewa, populações nativo-americanas; a *commedia dell'arte* italiana; os artistas e coreógrafos do Ballets Russes; a arte musical do violoncelista Janos Starker; a arte mímica de Marcel Marceau; a *performance* de indivíduos durante estados alterados de consciência; e a colaboração criativa entre artistas de diferentes áreas que levam à criação de novos estilos de *performance* ou de novos gêneros. E é justamente nesta mescla de elementos, que poderiam ser vistos à primeira vista como incompatíveis, que a autora revela o potencial do método comparativo na Antropologia, como ferramenta crítica, não só no que concerne ao entendimento transcultural, mas sobretudo no que toca à aniquilação de barreiras impostas por nossos mecanismos de percepção e julgamentos morais e estéticos.

Royce utiliza alguns conceitos-chaves, como *performance*, técnica, virtuosidade, interpretação, transparência e *artistry* (conceito que se refere a um elevado estado de consciência atingida por certos artistas e/ou atores sociais quando determinada interpretação parece inevitável, e quando o intérprete consegue se conectar com sua audiência de forma pungente e definitiva, tornando-se um mero meio a serviço de sua arte), para operar e articular princípios culturais de excepcional importância: entendimento, reflexão, incorporação/corporificação (*embodiment*), mediação, transformação e a importância e o papel da linguagem metafórica.

O livro analisa a fundo formas críticas de conhecer e de conhecimento: formas incorporadas ou corporificadas (*embodied*) de conhecimento; conhecimento com e através do corpo, no qual a distinção, bastante popular desde Descartes, entre corpo e mente não mais se justifica. Autores como Turner, Foucault, e Bourdieu, entre outros citados pela autora, construíram muitos de seus modelos heurísticos tendo o corpo como elemento central. Entretanto, Royce se ocupa especificamente com movimento, dança, teatro e outros ti-

pos de *performance* como canais extremamente sutis de entrada no mundo do conhecimento cultural e da expressão artística. Ela se interessa pelas formas através das quais artistas e platéias vivenciam as artes, assim como pelo papel destas na vida social.

Royce nos fornece não somente um vocabulário conceitual através do qual é possível refletir uma série de questões complexas relacionadas com *performance*, mas, acima de tudo, chama a atenção para a importância transcultural e transtemporal da figura mediadora do artista, ou melhor, do *performer*, seja ele ou ela um xamã, curandeiro, dançarino, musicista ou mímico. Todos eles têm em comum o fato de que, por meio de intensivo trabalho e disciplina, dominaram o corpo de técnicas de suas disciplinas. Esse domínio técnico, quando verdadeiramente disciplinado, levaria o *performer* a atingir tamanho grau de virtuosidade que, por sua vez, possibilitaria a “execução” de sua arte com um nível de desenvoltura tal que passaria a imagem de completa “falta de esforço” e “facilidade”. Isso lhe proporcionaria a liberdade (potencial) de poder pensar em interpretação e, quiçá, atingir o estado máximo de *artistry*: transparência e inevitabilidade.

Fica claro, portanto, que, se por um lado o domínio completo das técnicas de uma dada arte/disciplina faz de um determinado artista um virtuoso(a) nesta arte/disciplina em particular, por outro, esse domínio não qualifica automaticamente esse indivíduo como artista, no sentido específico do termo utilizado pela autora. Apesar de a virtuosidade ser um pré-requisito, *artistry* vai muito além desta. Para Royce, um artista tem que estar aberto à possibilidade de ser transformado e a aceitar o seu papel de transformador. Para ela, o

artista deve entender que artistry abre o caminho para que aqueles que desejam seguir sejam transformados, para sonhar e, mesmo que por um momento, para vislumbrar o que está fora do contexto do cotidiano. Artistas devem alcançar tudo isso direcionando a 'luz dos refletores' para a arte, em vez de chamar a atenção para si mesmos.

Considero importantíssima a diferenciação entre virtuosidade e *artistry*, e, de acordo com a autora, públicos e platéias ao redor do mundo, desde tempos imemoriais, reconhecem essa diferença, mesmo sem ter, muitas vezes, o vocabulário técnico para expressá-la em palavras.

A *performance* permeia todas as esferas socioculturais, sendo sempre uma estrada de mão dupla, onde a relação entre mediador e público/audiência é crítica e fundamental no processo comunicativo e em que o domínio, a manipulação do tempo e do espaço, pela figura do mediador, assim como a exploração da intensidade emocional, abriam canais de comunicação extraordinários.

Através das artes performáticas, Royce se concentra na análise dessa destreza, habilidade e perícia, em outras palavras, no domínio da técnica, assim como de elementos extratécnicos, necessários para alcançar transparência e, rara e ultimamente, inevitabilidade e transcendência comunicativa. Apesar de usar uma série de indivíduos como exemplo, este trabalho não trata da tradicional apologia ao gênio individual ou de uma análise romantizada e sentimental das artes performáticas; antes de mais nada, este livro representa um soberbo ensaio intelectual na busca do sentido das artes performáticas, da metalinguagem e da mudança cultural para os seres humanos. Se me fosse pedido para descrever, numa única palavra, o que faz do ser humano ser humano, sem a menor dúvida diria que é a arte. A arte performática estratifica a complexidade das relações humanas e este livro de Anya Royce é uma contribuição inestimável para trazer à tona a importância de certos elementos constituintes de *performances* como ferramentas por intermédio das quais se pode pensar o ser humano.

ALFREDO MINETTI

Doutorando em Antropologia pela Indiana University, Bloomington, USA. Mestre em Antropologia pela Indiana University.